

que é a dialéctica?

de HENRY LEFEBVRE

I

O pensamento mágico confunde o desejo e a eficiência, a coisa e o signo. Desde que os homens começaram a dar um sentido à palavra «sêr», acreditaram mágicamente possuir os sêres cuja existência representavam. O sêr embriagara Parménides. Assim nasce a metafísica.

Nós habituamo-nos à visão do que existe de sucessivo, de exclusivo, de insubstituível nos momentos e nos sêres. A fórmula metafísica: «Pensar o Sêr eterno! Ser o Sêr! Ser tudo!» parece-nos cândida e mistificadora; pode significar que a metafísica foi mais uma vontade mágica do que um conhecimento; aparecida com a formulação precisa e abstrata do pensamento, será mais do que uma esperança e um desejo que se realizam para o filósofo no mundo singular, feito de sonho e de pensamento, de poesia e de verdade, de encantamento e de saber, de prazer apolíneo e de vaidade, que êle traz em si?

—Desde a época de Parménides, Heráclito presagia a decepção do metafísico, a sua melancolia, a sua lucidez desesperada em face dum mundo que escapa à posse especulativa: o devir, a luta dos contrários.

Com Heráclito nasceu a dialéctica. Mas o pensamento grego não podia aceitar esta visão. A ânsia do sêr aparecia simples e feliz; ela não era ainda:

A ânsia tão louca
Insaciável hidra íntima
que mina e devasta...

Parménides—êste nome aparece-nos belo como o dum herói—proclama então a posse dos sêres no Sêr puro, eterno, «esférico». Após êle Platão aperfeiçoa a hipótese da participação dos sêres dispersos e móveis no Sêr-em-si, e acredita ter na sua cabeça o verdadeiro céu, o das ideias. Em seguida, durante séculos, os metafísicos esforçam-se por fazer concordar os termos em presença: o mesmo e o outro, a parte e o todo, o Sêr e os sêres da sua experiência e do seu tempo. Ao lado dos metafísicos, por caminhos mais tortuosos (colocando *à priori* o limite da sua investigação, aceitando mais cruelmente a investigação como uma privação e uma noite) os místicos realizaram uma aventura semelhante.

O desejo dos metafísicos, como tódia a paixão, tinha as suas exigências, as suas manhas, as suas justificações. Êles postulavam a participação e a unidade mágica das coisas. Um estratagema recíproco se impunha: «Aquilo que eu não posso possuir no sêr do meu pensamento, não é coisa alguma. É o nada.»

Assim o pensamento daquilo que não é, do negativo, intervinha necessariamente nos sistemas metafísicos, mas duma maneira bem particular, como processo de depreciação, de esquecimento, de destruição ideal do mundo real. A contra-partida da ambição especulativa era a ironia. O filósofo constata as *contradições* no mundo; o seu papel consistia em resolvê-las pela especulação e pela predicação moral. Em si próprias, elas não eram para êle senão agitações exteriores ao sêr e à sabedoria. O filósofo vive no mundo contraditório, na massa humana e na vida quotidiana, mas vê-os como pretextos e pontos de partida. Êle choca umas contra as outras, mas sem malignidade e secreta arrogância, as contradições da «opinião»; êle destroi-as umas contra as outras, para dar lugar à sua atitude própria: a posse do sêr. Sócrates foi o organizador prodigiosamente

hábil desta atitude. Interrogava os atenienses na praça pública e obrigava-os a contradizer-se: o Sábio triunfava. A metafísica, a moral, a ironia, nasciam conjuntamente. Esta técnica do discurso, movendo-se nas aparências contraditórias chamou-se: dialéctica. (1)

Mas o mundo assim achincalhado vingava-se: pela cicuta, por um riso enorme: Cristófanos, Rabelais. O mundo modifica-se enquanto a vontade metafísica se conserva sempre a mesma—vontade do Mesmo eterno, do Sêr; êle revela-se pouco a pouco metafisicamente impensável. A história, que se impõe à razão à medida que se vai fazendo, torna singularmente longínquo, pálido, indiferente, o pensamento da eternidade.

E o encadeamento dos sêres, o seu drama, relega para o plano das entidades o sêr puro. A atitude metafísica deprecia-se lentamente; apesar-das astuciosas confusões um elemento duplo se deduz na filosofia: o saber, que se aproxima das ciências e das técnicas de que o queriam isolar e que procura tornar-se metodologia,—a posse mágica. Como a atitude especulativa é pouco confiante em Descartes! Como Espinoza é equívoco, perturbado pelo naturalismo! Como a especulação é glacial em Leibnitz, envergonhada em Kant—em quem se desassocia a magia e o saber, a posse do sêr e a ciência. Com Fichte e Schelling, a exaltação do Eu em face ao «outro», ao mundo, desembaraçando-se dêle sem poder possuí-lo, substitui o manancial eterno do Sêr puro. O metafísico é expulso das suas posições. Não se pôde, pelo pensamento do sêr, alcançar os sêres!

Mas se pelo pensamento puro o sêr «em si» não se transformou em «para nós» não pode o filósofo alcançar os sêres pela sua negação?

(1) — Actualmente coexistem diversas significações dêste termo. Para os materialistas esta palavra designa um método ligado a uma concepção do mundo, ligada esta a uma *praxis*, a uma organização social. Mas para outros ela designa uma simples técnica da discussão (cf. Adler's *dialectic*, New-York, 1927. — Bogolowski, *Technic of Controversy*, N. Y., 1928, etc.).

Para Adler, a dialéctica é a espécie de pensamento que intervém: «quando os sêres humanos entram em debate». Donde esta conclusão: «o domínio dos factos e dos acontecimentos é o da existência bruta; o universo do discurso (ou seja, segundo o contexto, o da confrontação absolutamente «livre» e «não partidária» dos significados) é o do inteligível.»

A dialéctica e a ironia socráticas acabam na absoluta ineficiência (que é por outro lado de facto uma eficiência «reaccionária»), à separação completa e complacente do real e do ideológico. A teoria da análise chega assim à irreabilidade do pensamento analítico e discursivo e isto é chamado «liberdade» e «abstenção de dogmatismo».

Os nossos filósofos franceses contemporâneos (Bergson, Benda, etc.) encarnam-se em unir ao real a sua teoria do discurso, pretendendo que ela forneça pelo menos uma interpretação dêste real. Mas êles quebraram a ligação e quebram-na sem cessar recusando dar ao seu pensamento um conteúdo prático, social, actual. Adler representa a conclusão inevitável desta forma de pensar que se pôs à parte da *praxis* e da transformação activa do mundo (e que não é uma simples metafísica do nada).

Todo o idealismo:

Aboli bibelot d'inanité sonore

pertence ao domínio das refracções verbais de que Adler fez a teoria. —Cf. Hegel, *Wissenschaft des Logik, Werke III*, pag. 43. «Habitualmente considera-se a dialéctica como uma procura subjectiva que tende por pura variedade a decompor o que é sólido e verdadeiro e que não conduz a nada mais do que à variedade do objecto tratado dialécticamente» — Ibidem, pag. 108.